

Este Documento segue as normas da revista REVASF
<https://www.periodicos.univasf.edu.br>

**IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PREVENÇÃO DAS
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE ADOLESCENTES
COM ÊNFASE NA SÍFILIS**

**IMPORTANCE OF SEXUAL FOR THE PREVENTION OF SEXUALLY
TRANSMITTED INFECTION AMONG TEENAGERS WITH SYPHILIS
EMPHASIS**

**IMPORTANCIA DE LA EDUCACIÓN SEXUAL PARA PREVENCIÓN DE LAS
INFECCIONES SEXUALMENTE TRANSMISIBLES ENTRE ADOLESCENTES
CON PRIORIDAD EN LA SÍFILIS**

Jéssica Nayara Espindola Almeida,
jessica22espindola@gmail.com,
Graduanda,
Universidade Federal do Pará (UFPA)¹

Fernando Augusto Miranda da Costa
fernandoamc@ufpa.br
Doutor em Ciências da Saúde
Universidade Federal do Pará (UFPA)²

RESUMO

O debate sobre a educação sexual vem ganhando o espaço escolar, especialmente, no campo das Ciências da Natureza (BNCC, 2018). É por meio desta área de conhecimento que o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da educação sexual na escola como forma de prevenção de IST's com ênfase na sífilis. A sífilis é doença infectocontagiosa, transmitida pela via sexual e, verticalmente, durante a gravidez, caracterizada por períodos de atividade e latência; pelo acometimento sistemático disseminado e pelo

¹ Graduanda do curso de Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA), E-mail: jessica22espindola@gmail.com.

² Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Pará (UFPA), E-mail: fernandoamc@ufpa.br.

desenvolvimento para complicações graves nos pacientes que não trataram ou que foram tratados inadequadamente. Para isso, há como processo metodológico a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual. Infecções sexualmente transmissíveis. Sífilis. BNCC.

ABSTRACT

The debate on sex education has been gaining space in the school, especially in the field of Natural Sciences (BNCC, 2018). It is through this area of knowledge that the present work aims to reflect on the importance of sex education at school as a way of preventing Sexually Transmitted Infections (STI's) with an emphasis on syphilis. Syphilis is an infectious disease, transmitted sexually and vertically during pregnancy, characterized by periods of activity and latency; for the widespread systematic involvement and for the development of serious complications in patients who have not treated or who have been treated inadequately. For this we had as a methodological process the bibliographic research with a qualitative approach.

KEYWORDS: Sexual Education. Sexually Transmitted Infections. Syphilis.

RESUMEN

El debate sobre la educación sexual ven ganando el campo escolar, especialmente, en el campo de las Ciencias de la Naturaleza (BNCC, 2018). Es por medio de esta área de conocimiento que el presente trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la educación sexual en la escuela como forma de prevención de ETS's con priorización de la sífilis. La sífilis es una enfermedad infectocontagiosa, transmitida via sexual y, verticalmente, durante el embarazo, caracterizada por períodos de actividad y potencia; por el acometimiento sistemático diseminado y por el desenvolvimiento para complicaciones graves en los pacientes que no trataron o que fueron tratados inadecuadamente. Para eso, existe como proceso metodológico la pesquisa bibliográfica de abordaje cualitativa.

PALABRAS CLAVE: Educación Sexual. Infecciones sexualmente transmisibles. Sífilis. BNCC

INTRODUÇÃO

O contato sexual desprotegido é a principal via para transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST's, e uma das formas mais

eficazes para prevenção contra esses tipos de infecções é a informação. Para Moreira e Folmer (2015), a educação sexual deve ser iniciada em casa pelos pais ou responsáveis, sendo essa complementada na escola, com uma abordagem clara, sem senso de julgamento ou “tabus”, compreendendo que a educação sexual não possui o objetivo de encorajamento a práticas sexuais por crianças e adolescentes, e sim a prevenção de IST’s e gravidez precoce, garantindo, assim, informações corretas e adequadas a esse público (MOREIRA; FOLMER, 2015).

Os adolescentes têm iniciado sua vida sexual precocemente. Segundo o Ministério da Saúde, a média de idade do primeiro contato sexual no Brasil é de 14,9 anos. Quando se compara os gêneros, as mulheres iniciam suas experiências sexuais mais tarde do que os homens (BARBOSA; KOYAMA, 2008).

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a importância da educação sexual na escola como forma de prevenção de IST’s com ênfase na sífilis. Assim, temos como objetivos específicos: (1) enfatizar a importância de discussões sobre sexualidade no ambiente escolar; (2) expor as consequências da falta de diálogo sobre educação sexual nas escolas; e (3) destacar a preocupação com as principais IST’s em proliferação no Brasil.

Então, para isso, tem-se como processo metodológico a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa (GIL, 2010). Desse modo, foram realizadas buscas em sites como: Google acadêmico, Sielo.br; Biblioteca digital de Teses e Dissertações; Site do Ministério da Educação e Ministério da Saúde. Essas pesquisas tiveram início em novembro de 2020, finalizando em março de 2021.

Desse modo, esse artigo se justifica pela problemática encontrada nas orientações corretas de utilização do preservativo, relacionada à precariedade de informações dos adolescentes, em especial pelo grande “tabu” que constitui a discussão sobre sexualidade em casa pelos pais.

Em virtude dessa dificuldade de diálogo, transfere-se essa responsabilidade para a escola, em especial na área de conhecimento de Ciências da Natureza, a qual assegura o desenvolvimento de uma competência

específica (BNCC, 2018). O componente de ciências apresenta um conjunto de habilidades, nas quais estão relacionadas aos diferentes objetos de conhecimento (BNCC, 2018). Esses objetos são “entendidos como conteúdos, conceitos e processos –, que, por sua vez, são organizados em unidades temáticas” (BNCC,2018).

Então, é com a temática vida e evolução, concordando com os objetos de conhecimentos: mecanismos reprodutivos e sexualidade com os quais podemos debater sobre tais assuntos com os adolescentes que encontram no espaço escolar um lugar de acolhimento para tal discussão e abordagem sobre a educação sexual (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Ciriaco (2019) relata que a maioria das IST's contraídas pelos jovens ocorrem em suas primeiras experiências sexuais, isso se deve ao fato de grande parte desses adolescentes estarem, muitas vezes, desprovidos de informações. As IST's são ocasionadas por diferentes agentes, apresentando sintomas e períodos de incubação, e condições clínicas diferentes (CIRIACO,2019).

Neste texto, destacamos a Sífilis, doença infectocontagiosa identificada no século XV, que segundo o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde no Brasil (2019), entre 2010 e 2018, houve um aumento de 4.157% nos casos de sífilis (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019). Esses fatos fazem-nos olhar com mais seriedade para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual norteia os currículos escolares das escolas brasileiras, nos quais constam que a temática “Educação Sexual” é desenvolvida pelo professor que ministra as competências específicas de ciências.

O tema em questão neste artigo é desenvolvido apenas no 8º ano, o que para os professores é uma grande responsabilidade, tendo em vista que o documento norteador anterior, Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, contemplava todas as disciplinas a desenvolverem o tema “Educação sexual” de maneira transversal em um número maior de anos escolares. Sente-se a necessidade de trazer a reflexão acerca das mudanças ocorridas nos documentos norteadores escolares em virtude dos casos alarmantes de contaminações por IST's no país (ZERBINATIE; BRUNS, 2018).

Desse modo, a relevância dessa pesquisa está em enfatizar a importância da inserção do tema Educação Sexual no ambiente escolar, com o intuito de prevenção de IST's e gravidez precoce, utilizando-se da informação para dar ao jovem e ao adolescente a emancipação para relações sexuais saudáveis, tendo essa educação como uma aquisição de direitos.

Portanto, este artigo estrutura-se da seguinte forma: primeiramente, faz-se uma abordagem teórica sobre a Educação Sexual na escola, a importância de um diálogo aberto com os alunos esclarecendo as complicações causadas pelas IST's e gravidez não planejada. Por conseguinte, busca-se elucidar questões a respeito das IST's, expondo as mais recorrentes no Brasil, assim, segue-se uma compreensão sobre a sífilis (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Para que haja uma melhor compreensão do movimento comportamental dos jovens em idade escolar e das dificuldades encontradas por professores, busca-se mergulhar na literatura de estudiosos como: Barbosa, Viçosa e Folmer (2019), Silva, Lourdes, Barroso e Guedes (2015), Barcelos e Jacobucci (2011), entre outros pesquisadores, além dos documentos oficiais: Base Nacional Comum Curricular-BNCC, Plano Nacional de Educação – PNE e os antigos Parâmetros curriculares nacionais PCN's (CIRIACO *et al.*, 2019).

A educação Sexual é um conjunto de informações, relacionadas a sexualidade, bem como tudo que envolve o corpo, como: sentimentos; emoções; relações sexuais; prazer; psique (NOGUEIRA *et al.*, 2016).

Recorrentemente se encontra nas literaturas o relato de que a vida sexual de jovens e adolescentes tem se iniciado cada vez mais cedo, e, sem as devidas orientações, ocasionando em gravidez precoce e um aumento significativo de contaminações por Infecções Sexualmente Transmissíveis, em especial a Sífilis (CIRIACO *et al.*, 2019).

Por inúmeros motivos a população ainda desconhece as formas de transmissão, sintomas, modo de prevenção e tratamento de algumas IST's, em

especial a sífilis. Isso porque ela apresenta sinais e sintomas que muitas das vezes não são notados. Levando, assim, as pessoas acometidas por essa enfermidade só procurarem tratamento tardiamente (CAVALCANTE *et al.*, 2012).

A maioria dos adolescentes estão atrelados a ideias deturpadas sobre sexualidade. Isso é preocupante, pois nesta fase eles passam por modificações biológicas, psíquicas, sociais, emocionais. Necessitam dessa forma de uma fonte confiável de informações, para que vivam sua sexualidade de forma responsável e saudável (VILAÇA,2006).

Em uma pesquisa realizada por Moura Brasil e Souza (2020), com alunos do 6º ao 9º do Ensino Fundamental com o Tema "Abordagem da sífilis entre jovens e adultos", em uma escola da rede Municipal de Araguaína Tocantins, constatou-se que de 50 alunos entrevistados, 37 não souberam responder quais as fases e sintomas da sífilis. Sendo que esta encontra-se como uma das IST's mais recorrentes no mundo (MOURA BRASIL; SOUZA, 2020).

Barbosa (2019) cita em seu trabalho uma pesquisa realizada no Chile, no ano de 2015, a qual demonstrou que 92,8% dos jovens que tiveram acesso à informação sexual na escola iniciaram suas relações sexuais tardiamente, de maneira consciente e segura, enquanto apenas 1% passou por gravidezes inesperadas, ressaltando, dessa forma, a importância da abordagem do tema na escola. Barbosa complementa que:

Nessa perspectiva, entendemos que a educação sexual no contexto escolar é necessária, para a formação da sexualidade de crianças e jovens, pois visa fortalecer sua capacidade de fazer escolhas seguras, saudáveis e conscientes e, sobretudo, fortalecer atitudes respeitadas em relação aos relacionamentos. (BARBOSA, 2019).

Corroborando com Barbosa (2019), a discussão em âmbito escolar ainda é um grande desafio enfrentado pelos professores, pois eles encontram grandes dificuldades em fazer uma abordagem clara devido ao grande tabu que envolve essa temática, uma vez que o crescimento do conservadorismo

em nossa sociedade refletiu diretamente na elaboração do Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019).

O PNE estabelece Diretrizes; Metas e Estratégias que devem reger a educação. O PNE propõe 20 metas, que devem ser cumpridas no período de 10 anos. O documento aborda ainda, o tema da sexualidade de forma mais restrita, buscando inseri-la nos currículos de forma mais biológica. (PNE,2014).

Fazendo um contraponto com o documento norteador atual, que limitou a ação da escola e afastou a comunidade escolar desse debate, tinha-se os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, de 1996, os quais constituíam uma orientação para a elaboração dos currículos, e que sugeriam o desenvolvimento da temática sexualidade, abrangendo todas as disciplinas de maneira transversal, envolvendo professores, técnicos, equipes pedagógicas, pais e responsáveis, sugerindo uma abordagem sistematizada nos âmbitos biológicos e culturais, validando a natureza social desse assunto (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO,1998).

Os PCN's de 1996 eram divididos em dois ciclos, o primeiro era voltado para os anos iniciais do ensino fundamental. Enquanto o segundo, era destinado aos anos finais. Todas as áreas do conhecimento abordavam: a ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO,1998).

Logo, entende-se que é de extrema importância que essa discussão sobre sexualidade na escola envolva todos os ciclos de escolarização, uma vez que a iniciação sexual da sociedade é cada vez mais precoce, e que esse fato está diretamente relacionado à ausência de informação (CIRIACO *et al.*, 2019).

Limitar esse debate apenas ao oitavo ano do fundamental é colocar o jovem no lugar de alienação e de máxima vulnerabilidade, compreendendo os grandes riscos à saúde provocados pelas infecções sexualmente transmissíveis. A temática em questão é de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie (CIRIACO *et al.*, 2019).

Uma pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz, no ano de 2001, demonstrou que 32,5% das adolescentes que engravidaram possuíam no máximo a quarta série do ensino fundamental, o que demonstra de forma contundente que a falta de instrução aliada à evasão escolar contribui para esse dado. Desse modo, compreende-se a escola como um espaço de discussão e conscientização para que haja a diminuição do avanço das IST's e de gravidez não planejadas; no entanto, para que isso se torne uma realidade, há que fazer um esforço ainda maior da comunidade escolar, tendo em conta que o próprio documento norteador limita a ação eficaz sobre o assunto (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019).

Entende-se que a importância dessa discussão vai além das prevenções de IST's e gravidez precoce. A educação sexual na escola também contribui para a diminuição da violência sexual contra crianças e adolescentes, levando em consideração que por meio da devida informação são fomentadas atitudes éticas e respeitadas, compreendendo que a maioria dos casos de abusos sexuais acontece no seio familiar, o que muitas vezes esconde os reais dados de tal violência (PCNs, 1997).

As diversas estratégias que se desenvolvem na escola para exercer uma educação de qualidade para os estudantes podem ser analisadas a partir do currículo. O currículo desenvolve formas de melhor organizar experiências de conhecimento dirigidas à produção de formas particulares de subjetividade. Nesse caso em particular, a sexualidade, onde se é orientada pela BNCC:

EF08CI08 – Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.

EF08CI09 – Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

EF08CI10 – Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção.

EF08CI11 – Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética). (BNCC, 2018).

Como exposto anteriormente, é de extrema necessidade que essas orientações sejam debatidas em sala de aula com os alunos, pois somente com as orientações adequadas eles poderão manter relações saudáveis, fazendo escolhas corretas e conscientes em suas relações sexuais (BNCC, 2018).

Aponta-se neste trabalho, uma importante ferramenta para o fomento da educação sexual nas escolas. O Programa Saúde na Escola (PSE), foi desenvolvido no ano de 2007 pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Este programa visa a articulação das instituições de ensino com o Sistema Único de Saúde (SUS) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007).

Entre os objetivos do PSE, estão a atenção a saúde de crianças e adolescentes da educação básica, bem como de gestores e profissionais da educação. Isso se dá por meio de palestras, oficinas, capacitação dos profissionais da educação, atinentes a assuntos que permeiam o ambiente escolar, como: sexualidade, gravidez precoce, prevenção a IST's (MINISTERÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007).

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) são enfermidades que se propagam, principalmente, pelo contato sexual, podendo ser causadas por uma série de microrganismos, como vírus, fungos, protozoários e bactérias (CUNHA *et al.*, 2016). Elas também já foram, por muito tempo, conhecidas como "doenças venéreas", sendo propagadas desde a antiguidade. O termo venéreo tem origem no nome da deusa Vênus, conhecida na mitologia como deusa do amor. Por isso, esses tipos de doenças passaram a ser relacionadas com as relações sexuais. Na história, encontram-se registros dessas enfermidades desde 3000 a.c. (HALBE, 2007).

Consoante informe da Organização Mundial da Saúde (OMS), as IST's estão entre as patologias transmissíveis mais comuns, apresentando impacto

sobre a saúde reprodutiva e infantil, o que pode acarretar infertilidade e complicações na gravidez (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

A OMS estima que há mais de 1 (um) milhão de casos de infecções sexualmente transmissíveis por dia, mundialmente, sendo, ao ano, 357 milhões de novos casos de infecções. Dentre estas, estão a clamídia, sífilis e tricomoníase (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). Já no Brasil, anualmente, a incidência dessas infecções encontra-se entre 10 a 12 milhões de casos. Infelizmente, dentro desse quantitativo, estão uma alta proporção de casos não curáveis, como, por exemplo, do vírus da Imuno Deficiência Humana (HIV) (COSTA *et al.*, 2018).

Algumas IST's apresentam períodos assintomáticos. Muitas vezes, os primeiros sintomas só aparecem um longo período depois da infecção inicial. Isso faz com que muitas pessoas só procurem atendimento tardiamente. Enquanto isso, continuam por disseminar as infecções (CIRIACO *et al.*, 2019).

Como já fora citado, dentre as IST's mais conhecidas está a sífilis, uma enfermidade conhecida desde o século XVI, mas que continua causando grande preocupação nos órgãos governamentais por apresentar impacto direto na saúde reprodutiva das pessoas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

A sífilis, por ser uma infecção de evolução crônica, requer uma atenção constante. Observou-se em pesquisas recentes, realizadas por órgãos governamentais, o aumento da prevalência desta infecção em países em desenvolvimento, mais preocupante ainda é que grande parte desses números são observados em mulheres em idade fértil (CAVALCANTE *et al.*, 2012).

A sífilis, assim como outras IST's, continua sendo um caso de saúde pública. Isso se deve à falta do uso de preservativos nas relações sexuais. Este comportamento é mais comum ainda entre jovens e adolescentes (BRASIL *et al.*, 2020).

Como mencionado anteriormente, as Infecções Sexualmente Transmissíveis merecem destaque por acarretarem inúmeras preocupações, são patologias que representam grandes desafios para a saúde, em virtude do alto potencial de disseminação. Temos uma responsabilidade muito importante no papel de educar os adolescentes em relação à prevenção e aos riscos

dessas IST's, e ainda estimular o debate em casa com os pais, e quando necessário, orientar a procura por serviços de saúde quando algum sintoma for detectado (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019).

Alguns estudiosos nos trazem uma breve compreensão sobre algumas das infecções sexualmente transmissíveis, que entendemos importante citá-las nesse artigo e abordá-las, na escola com a intenção de esclarecer quais as implicações médicas, psicológicas e sociais as quais cada uma delas apresenta. Ressalta-se que existem diversos tipos de IST's, como:

Cancro mole; Doença Inflamatória Pélvica (DIP); Donovanose; Gonorréia; Clamídia; Herpes genital; Infecção pelo HIV; Infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV); Linfoceluloma venéreo (LGV); Uretrite Gonocócica e a Sífilis (AVELLEIRA; BOTTINO, 2006).

Segundo o portal do Ministério da Saúde:

“O tratamento das pessoas acometidas por IST's melhora a qualidade de vida e interrompe a cadeia de transmissão dessas infecções. O atendimento e o tratamento são gratuitos nos serviços do Sistema Único de Saúde.” (<https://saude.gov.br/ists>, visitado 7/12/2020).

Esta informação é aberta ao público e contribui na disseminação da informação a favor da prevenção de IST's no território brasileiro. Assim sendo, é um aliado dos profissionais da educação.

SÍFILIS

A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível causada pela bactéria *Treponema pallidum*, do gênero *Treponema* e família *Treponemataceae*. O *Treponema* apresenta forma espiral (10 a 20 voltas), com cerca de (5 a 20 µm) de comprimento e (0,1 a 0,2 µm) de espessura (AVELLEIRA; BOTTINO, 2006).

A transmissão da sífilis pode ocorrer por via sexual (sífilis adquirida) ou verticalmente (sífilis congênita). Neste caso, a transmissão ocorre via placentária da mãe para o feto. Outras formas de contágio são menos comuns.

A título de exemplo, tem o contágio por meio de contato com objetos contaminados, e pode ocorrer por transfusão sanguínea (SALGUEIRO, 2016).

A sífilis pode atingir praticamente todos os órgãos e sistemas do corpo, e mesmo sua forma de tratamento sendo eficaz e de baixo custo, essa doença continua sendo considerada como um problema de saúde pública atualmente (CAVALCANTE, *et al.*, 2012).

A sífilis apresenta três fases ou estágios, e são eles: sífilis primária, secundária e terciária. Além de apresentar um período de latência, ainda pode se manifestar de forma congênita, quando é transmitida da mãe para o feto (SARACENI, *et al.*, 2017).

Na sífilis primária ocorre a multiplicação das bactérias no local que estas se depositam, sendo que, em 45% dos casos, os órgãos sexuais são afetados e ocorre o aparecimento do cancro, uma lesão ulcerada. No homem pode ser localizada no sulco balanoprepucial, prepúcio, meato uretral, já nas mulheres é mais frequente nos pequenos lábios, parede vaginal e colo uterino (WARREN, 2016).

A sífilis secundária caracteriza-se pelo acometimento da pele e órgãos internos devido à distribuição da bactéria *T. pallidum*. Também são comuns nesse estágio erupções cutâneas nas mãos e nos pés. O indivíduo pode ser acometido de pápulas ao redor do nariz e da boca, apresentando grande semelhança à dermatite seborreica (AVVELEIRA; BOTINO, 2006).

A sífilis terciária se destaca pelo aparecimento de lesões nas mucosas, pele e também nos sistemas nervoso e cardiovascular. Nessa fase aparecem ainda granulomas que acabam por deteriorar os tecidos (BERNARDES FILHO *et al.*, 2012).

A sífilis pode apresentar-se também de forma congênita, ocorrendo pela propagação via sanguínea da bactéria *T. pallidum* da grávida não tratada corretamente ou até mesmo que não recebeu tratamento para o concepto via transplacentária (CAVALCANTE, *et al.*, 2012).

A transmissão da bactéria, oriunda da gestante para o feto, pode acontecer em qualquer período da gestação. Esse processo acontece quando a bactéria penetra na placenta e chega ao cordão umbilical, após isso acontece

uma intensa multiplicação pelo organismo do feto (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

A sífilis cardiovascular se mantém silenciosa no período de 10 a 30 anos, sendo que o acometimento cardiovascular mais comum é a aortite (70%), em especial aorta ascendente de maneira assintomática na maioria dos casos. As complicações recorrentes da aortite são o aneurisma, a insuficiência da válvula aórtica e a estenose do óstio da coronária. O diagnóstico pode ser suspeitado pela radiografia de tórax, evidenciando calcificações lineares na parede da aorta ascendente e dilatação da aorta. (AVELLEIRO; BOTTINO, 2006).

Outra evolução da sífilis é a neurosífilis, que Avelheiro e Bottino (2006) definem como:

NEUROSSÍFILIS

A invasão das meninges pelo treponema é precoce, de 12 a 18 meses após a infecção, mas desaparece em 70% dos casos sem tratamento. Quando a infecção persiste, estabelece-se o quadro de neurosífilis, que pode ser assintomática ou sintomática.

A neurosífilis assintomática é definida como a presença de anormalidades do LCR na ausência de sinais ou sintomas neurológicos. Poderá nunca se manifestar ou evoluir para uma das complicações neurológicas mais tardias do período terciário. As complicações mais precoces são as meningéias agudas, que podem acontecer no período secundário, principalmente em pacientes infectados pelo HIV, com a sintomatologia meningéia clássica. Nos quadros meningovasculares, a neurosífilis se apresenta como encefalite difusa com sinais focais, parecendo acidente vascular cerebral. Mais tardia é a neurosífilis parenquimatosa, que pode apresentar-se como uma paralisia geral progressiva ou progredir para a *tabes dorsalis*. E, por último, um quadro de neurosífilis gomosa com sintomatologia localizada e semelhante à dos tumores cerebrais ou medulares. (AVELLEIRO; BOTTINO, 2006).

Ressalta-se que o diagnóstico precoce e a seriedade no tratamento são de extrema importância para uma maior eficácia. O tratamento é diferenciado para cada estágio dessa infecção.

Diante do exposto acima torna-se necessário que as discussões sobre as ISTs em especial a sífilis, sejam fomentadas nas escolas de forma aprofundada. Deixando de apresentar a sífilis aos alunos, somente dentro do conteúdo de ciências, e passando a explorá-la amplamente, fazendo vínculo com a educação sexual (BNCC,2018).

A escola tem como papel promover ações para a promoção da saúde de seus alunos. Fazendo que estes tenham a capacidade de tomar atitudes conscientes e críticas acerca de suas vidas. Principalmente quando relacionados s suas experiências sexuais (ANDRADE *et al.*,2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude de tudo o que foi exposto, compreende-se a importância do desenvolvimento do tema sexualidade, as consequências de relações sexuais sem as devidas informações são muito sérias e precisam ser tratadas com seriedade, pois as implicações são de cunho social, cultural e médico, podendo trazer grandes complicações aos jovens. Para nós, professores, cabe o desafio de tratar dessa temática tão peculiar, quebrando os tabus que a envolvem, visto que somente com informações claras e corretas é que possibilitaremos aos alunos atitudes conscientes e responsáveis em suas relações sexuais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. I. R. de. **Desenvolvimento de método indicativo de estabilidade para detecção de produtos de degradação da associação de zidovudina e lamivudina (300+150 mg) em matéria-prima e comprimidos.** 2014. 111 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. ARYA, M. et al. **The promise of patient-centered text messages for encouraging hiv testing in an underserved population.** Journal of the Association of Nurses in AIDS Care, v. 29, Issue 1, p. 1-106, January- February, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jana.2017.07.002>. Acesso em: 1 de dez. de 2020.

AVELLEIRA, João Carlos Reazzi; BOTTINO, Giuliana. **Syphilis: diagnosis, treatment and control.** Anais brasileiros de dermatologia. Rio de Janeiro, v. 81,

n. 2, p. 111-126, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0365-05962006000200002>. Acesso em: 1 de dez. de 2020.

BARBOSA, Luciana Uchôa; VIÇOSA, Cátia Silene Carrazoni Lopes; FOLMER, Vanderlei. **A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações**. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 11, n. 10, p. e772, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e772.2019>. Acesso em: 12 de jul. de 2020.

BARBOSA, Maria Regina; KOYAMA, Metti Aako Hara. **Comportamento e práticas sexuais de homens e mulheres, Brasil 1998 a 2005**. Rev. Saúde Pública. São Paulo, v.42, p.21-33,2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em saúde. **Vigilância em saúde ações inovadoras e resultados**. Brasília - DF, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sífilis**. Disponível em: <http://www.portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/sifilis2.htm>. Acesso em: 10 de dez. de 2020,13:19:30.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de vigilância, prevenção e controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico: Sífilis 2016**. Brasília - DF, v.47, n.35, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de vigilância, prevenção e controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico: Sífilis 2017**. Brasília - DF, v.48, n.36, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Prevenção da Transmissão Vertical de HIV, Sífilis e Hepatites Virais**. Brasília - DF, 2017.

BRASIL, MINISTÉRIO da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Diretrizes para o Controle da Sífilis Congênita**. Manual de Bolso. Brasília, 2006.

BRASIL. MEC. Base Nacional Comum Curricular, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 16 de nov. de 2020.

BERNARDES, Fred; SANTOS, Maria Victória; CARIELLO, Lorena; FERRARI, Verônica V-B; SERRA, Amanda C; SHIMENES, N Done; ACNERY, José. **Sífilis em apresentação com fases sobrepostas: como conduzir**. DST j. bras. doenças sex. transm., v. 24, n. 2, 2012.

CAVALCANTE, Ana Egliny S; SILVA, Maria Adelane; RODRIGUES, Antônia Regynara; NETO, José Jeová Mourão; MOREIRA, Andréa CA; GOYANNA, Natália F. **Diagnóstico e Tratamento da Sífilis: uma investigação com mulheres assistidas na atenção básica em Sobral, Ceará**. DST- J. bras. Doenças Sex. Transm., v. 2, n. 1, ISSN 0103-4065, 2012

COSTA, Ruth Silva Lima; SILVA, Wingley Bortolini; NASCIMENTO Kellen Jésseny Oliveira. **Percepção de Riscos de Adolescentes Escolares em Relação às infecções sexualmente transmissíveis em duas escolas de Ensino Médio do Acre**. Dê Ciências em foco, v. 2, ISSN 2526-5946, 2018.

CUNHA, Alessandro Ricardo Caruso; MERCHAN, Edgar Hanann. **Sífilis em parturientes no Brasil: prevalência e fatores associados, 2010 a 2011**. Rev. Panam. Salud., v. 6, n. 38, 2015.

HO, Emily L; LUKEHART, Sheyla A. **Syphilis: using modern approaches to understand an old disease.** The Journal of clinical investigation. v. 121, n. 12, p. 4584-4592, 2011. Doi: 10.1172/JCI57173.

MOREIRA; Betina Loitzenbauer da Rocha; ROCHA, João Batista Teixeira da; PUNTEL, Robson Luiz; FOLMER, Vanderlei. **Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes.** Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias. v. 10, n. 1, p. 64-83, 2011. Disponível em: https://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART4_Vol10_N1.pdf. Acesso em: 17 de out. de 2020.

NEWMAN, Lori; KAMB, Mary; GOMES, Gabriela; SAY, Lale; SEUC, Armando; BROUTET, Nathale. **Global estimates of syphilis in pregnancy and associated adverse outcomes: analysis of multinational antenatal surveillance data.** PLoS Med,v. 10, n. 2, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1001396>. Acesso em: 20 de out. de 2020.

NOGUEIRA, Natália Souza; ZOCCA, Adriana Rodrigues; MUZZETI, Luci Regina; RIBEIRO, Paulo Rennes. **Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores.** HOLOS, v. 3, n. 32, p. 319-327, 2016. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2302>. Acesso em: 16 de out. de 2020.

NUNES, I. **Infecções sexualmente transmissíveis: desafio passado, presente ou futuro?** Acta Obstet. Ginecol. Port., Coimbra, v. 11, n. 3, set. 2017. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-5830201700030000. Acesso em: 15 de nov. de 2020.

PENELLO, Angelo M; CAMPOS, Bianca C; SIMÃO, Marcela S; GONÇALVES, Michele A; SOUZA, Pedro MT; SALLES, Roberto; PELEGRINE, Edilbert. **Herpes genital**. J. Bras. Doenças Sex. Transm., v. 22, n. 2, p. 64-72, 2010. Disponível em: <http://pdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/303/2018/02/r22-2-2010-3-Herpes-Genital.pdf>. Acesso em: 16 de out. de 2020.

SALGUEIRO, Suzana Aparecida Lobato. **Tendência da sífilis congênita no estado do Pará até 2025**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de medicina, Programa de Pós-graduação em doenças tropicais, Belém: 2016.

SARACENI, Valeria; PEREIRA, Gerson Fernando Mendes; SILVEIRA, Mariângela Freitas da; ARAUJO, Maria Alex Leite Araújo; MIRANDA, Angélica Espinosa. **Perfil epidemiológico da transmissão vertical da sífilis: dados de seis unidades federativas no Brasil**. Rev. Panam. Salud. Publica, v. 41, 2017.

SEIDL, Eiane Maria Fleury; ZANNON, Cecilia Maria Lana da Costa.; TRÓCCOLI, Batoloni Torres. **Pessoas vivendo com HIV/AIDS: enfrentamento, suporte social e qualidade de vida**. Psicologia: reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 188-195, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000200006>. Acesso em: 10 de dez. de 2020.

SILVA, Mariana Machado; MORAIS, Ana Paula de Souza; DONADI, EDUARDO Antônio; SANTOS, Milena Jorge Simões Flória Lina. **Polimorfismo da região do fator de necrose tumoral (TNF) na síndrome da lipodistrofia associada à terapia anti-retroviral em portadores do HIV-1**. 2008. 155 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2008.

WARREN, Levinson. **Microbiologia Médica e Imunologia**. 13º Ed. Porto Alegre: Mcgraw-hill, 2016. p.195.ISBN 9788580555561.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. **DIVERSIDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO**. Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, v. 8, n. 16, 30 set. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/236>. Acesso em: 16 de jul. de 2020.